

Cenário Econômico Setembro/2021

Em setembro, o cenário econômico continuou com grande volatilidade. As principais razões foram as incertezas sobre o crescimento econômico da China e a perspectiva de aperto monetário por parte do Fed (Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos).

A China vem passando por um período cíclico de desaceleração do crescimento econômico, tornando o cenário econômico bem incerto. Pode-se citar, por exemplo, a mudança de postura do Governo Chinês em relação a setores que lideram a inovação tecnológica no país, como *fintechs* e a imposição da participação estatal nessas empresas, após uma série de regulações restritivas. Um outro ponto é a mudança de postura em relação aos setores da economia intensivos no uso de energia “suja”, que foram “incentivados” a cortar produção e reduzir forçosamente a emissão de poluentes, como foi o caso do setor siderúrgico. Mas o ápice, foram as notícias a respeito das dificuldades da incorporadora *Evergrande*, que estava sob ameaça de não pagamento de parcela de sua dívida e despertou receios de uma crise sistêmica de crédito imobiliário.

Nos EUA, a surpresa foi a mudança na sinalização do Fed sobre o ritmo de redução de compras de ativos, sinalizando que os membros do FOMC (Comitê de Política Monetária Americana) esperam que a retirada

gradual de estímulos monetários termine só em meados do ano que vem (e não mais no final do ano, como era o consenso anterior). Com isso, os mercados globais tiveram um mês de setembro bastante negativo. As taxas de juros americanas de 10 anos subiram, ao passo que a bolsa americana, medida pelo S&P500, recuou 4,8% no mês, pior performance desde março de 2020.

No Brasil, setembro foi marcado pela deterioração dos preços de todos os ativos. Além das razões de âmbito global, o mercado local continuou sendo afetado pelas indefinições no front fiscal e pelas surpresas inflacionárias, que levou a uma revisão para cima do ciclo de aperto monetário e para baixo na expectativa de crescimento para 2022. No front fiscal, uma solução para o imbróglio dos precatórios ainda parece distante. No meio do impasse, o aumento da alíquota do IOF para bancar o aumento do valor do bolsa-família passou a mensagem de que o governo irá gastar mais em ano eleitoral. Com isso, houve aumento das taxas de juros, desvalorização cambial e queda na bolsa, em que o IBrX fechou o mês com perdas de 7%.

Todos os Perfis foram afetados, com maior impacto no Moderado e Agressivo que alocam em bolsa. O conservador foi o único Perfil a ter rentabilidade positiva. Os temas aqui descritos continuarão a dominar o cenário local e global nos próximos meses.